

ELEIÇÕES

O "nikolismo" ganha força

A prisão de Jair Bolsonaro acelerou a reorganização da direita no Congresso. Com força digital e capital eleitoral, Nikolas Ferreira surge como novo polo bolsonarista, em meio a disputas internas e fissuras crescentes no PL

» WAL LIMA

A prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro, em novembro, abriu espaço para uma reorganização silenciosa dentro da direita bolsonarista no Congresso. Desde então, parlamentares e interlocutores do Partido Liberal (PL) passaram a observar com mais atenção a movimentação do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), hoje visto por setores da bancada como um possível novo polo de liderança do campo conservador. Essa percepção ganhou força após a caminhada organizada por Nikolas no fim de janeiro, até Brasília, quando o parlamentar reuniu apoiadores e aliados em um gesto interpretado, nos bastidores, como demonstração de força política.

Deputado mais votado do país nas eleições de 2022, Nikolas construiu capital político que extrapola Minas Gerais. Com mais de 40 milhões de seguidores nas redes sociais, ele se tornou um dos principais nomes da direita no ambiente digital e, nos últimos meses, ampliou a presença institucional e simbólica no debate político nacional e internacional.

A reportagem procurou lideranças do PL para comentar o movimento em torno do deputado. Parte delas preferiu falar reservadamente. Um dos poucos a comentar publicamente foi o presidente do PL Jovem do Distrito Federal, Evandro Neiva, que avalia que o protagonismo de Nikolas é resultado de um processo que já vinha se desenhando. “O Nikolas, hoje, representa uma geração que consegue dialogar com a base conservadora de forma direta, sem intermediários. Ele ocupa um espaço que ficou mais evidente depois da prisão do presidente Bolsonaro”, afirmou.

Nos bastidores da Câmara, interlocutores relatam que a ascensão do deputado mineiro já é percebida como um fenômeno em consolidação. Segundo relatos feitos à reportagem, há parlamentares que enxergam em Nikolas a capacidade de aglutinar uma ala específica da direita bolsonarista, com identidade própria, ainda que o deputado mantenha discurso público de respeito e lealdade a Jair Bolsonaro.

Essa leitura também aparece dentro do próprio PL em Minas Gerais. Em publicação nas redes sociais, uma liderança estadual do partido chegou a usar o termo “nikolismo” ao divulgar uma foto ao lado do parlamentar, numa sinalização de que o movimento em torno do deputado já começa a ganhar contornos conceituais entre aliados.

A trajetória recente de Nikolas

Ed Alves/CB/DA Press



Após a pandemia, Nikolas ampliou a presença nas redes, especialmente com vídeos e discursos que viralizaram com críticas focadas no terceiro mandato de Lula



O Nikolas, hoje, representa uma geração que consegue dialogar com a base conservadora de forma direta, sem intermediários. Ele ocupa um espaço que ficou mais evidente depois da prisão do presidente Bolsonaro”

Evandro Neiva,
presidente do PL Jovem do Distrito Federal

ajuda a explicar o protagonismo. Após a pandemia, o deputado acumulou episódios de forte repercussão nacional, especialmente com vídeos e discursos que viralizaram nas redes sociais, tornando-se um dos principais nomes da oposição ao governo Lula. Mais recentemente, ganhou destaque ao atuar na reação da direita à proposta de mudanças no sistema de pagamentos instantâneos, o Pix, tema que mobilizou sua base digital e foi amplamente explorado em conteúdos publicados nas plataformas.

O deputado também ampliou a atuação fora do país. Em agenda recente no Parlamento Europeu, Nikolas participou de debates e encontros que reforçaram a visibilidade internacional, inserindo seu nome em discussões ligadas à direita conservadora global.

Para o cientista político e especialista em marketing político digital Marcelo Vitorino, o fenômeno em torno de Nikolas não é casual. “Ele reúne três elementos que hoje são centrais na política: forte presença digital, identidade ideológica clara e capacidade de

mobilização. Isso faz com que ele seja visto como liderança, independentemente de um aval formal do partido”, avalia. Outro cientista político ouvido pela reportagem resalta que o crescimento do deputado ocorre em um contexto de reorganização interna da direita, ainda fortemente ligada à figura de Bolsonaro, mas carente de novos vetores de liderança.

Apesar disso, aliados ponderam que a ascensão de Nikolas não significa, ao menos por ora, uma ruptura com o ex-presidente. Diferentemente dos filhos de Bolsonaro, cuja representatividade política é vista como mais restrita a determinados segmentos, Nikolas tem conseguido dialogar com uma base mais ampla da direita conservadora, inclusive entre parlamentares que não integram o núcleo familiar do ex-presidente.

Esse processo ocorre em meio a fissuras crescentes dentro do próprio PL em diferentes regiões do país. Em Santa Catarina, por exemplo, a deputada federal Carolina De Toni vive um impasse interno após a sinalização do presidente do partido, Valdemar Costa Neto,

de apoio ao vereador Carlos Bolsonaro na disputa pelo Senado. Diante do movimento, De Toni passou a indicar, nos bastidores, que pode deixar a legenda para disputar o cargo por outra sigla — possibilidade que ainda não foi formalizada. O episódio escancarou divisões internas no partido e ganhou contornos ainda mais sensíveis quando a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro manifestou apoio à deputada, em detrimento do filho do ex-presidente.

Outras tensões também evidenciam esse redesenho de forças. No Rio Grande do Norte, o senador Rogério Marinho chegou a demonstrar interesse em disputar o governo do estado, mas acabou desistindo da candidatura. Segundo informações de bastidores, a decisão teria sido tomada a pedido de Jair Bolsonaro, para que Marinho atuasse como coordenador da campanha do senador Flávio Bolsonaro à Presidência, movimento que gerou desconforto entre aliados locais e reforçou a percepção de centralização das decisões no entorno familiar do ex-presidente.

» Otto Alencar é internado

A assessoria de comunicação e imprensa do senador Otto Alencar (PSD-BA) informou que, após se sentir mal no retorno de uma agenda política realizada no município de Lapão (BA), o senador foi submetido a exames médicos que diagnosticaram um quadro de bradicardia, condição de saúde caracterizada por uma frequência cardíaca lenta. Diante do diagnóstico, foi indicado e realizado um procedimento cardíaco para implantação de um marca-passos, de forma preventiva, no Hospital Aliança, em Salvador (BA). O procedimento transcorreu com sucesso, segundo a assessoria. O senador encontra-se bem, clinicamente estável, em observação na UTI Cardíaca.



ROBERTO BRANT

O QUE TORNA O CASO MASTER UM EVENTO TECTÔNICO É O QUE FOI, AOS POUCOS, SENDO REVELADO, MESMO QUE DE FORMA INCOMPLETA E FRAGMENTADA, POR MEIO DE VAZAMENTOS QUE CONSEGUIRAM ROMPER O ALTO GRAU DE SIGILO IMPOSTO AO CASO POR UM MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

O que o caso Master está a nos dizer

Apesar dos ruídos e das tensões que percorrem os ares de Brasília, prenunciando que algo grande e inconveniente pode estar para acontecer, quase tudo o que se relaciona ao caso Master ainda não é de conhecimento público.

A insolvência de uma instituição financeira pouco relevante, por si só, não despertaria atenção, pois é um fato normal no mundo dos negócios. Como gostava de dizer o saudoso Delfim Neto, capitalismo sem falência é o mesmo que catolicismo sem inferno. Neste caso específico, nem a chamada economia popular foi atingida severamente. Os danos e os prejuízos parecem circunscritos aos limites da alta finança.

Os recursos públicos envolvidos estão concentrados no Banco de

Brasília, já que uma tentativa anterior, que envolvia a Caixa Econômica Federal, foi evitada a tempo, embora com o sacrifício de seus servidores técnicos de carreira, que oularam resistir aos políticos da área. Instituições infinitamente maiores, como o Banco Nacional e o Bamerindus, por exemplo, foram liquidadas sem reação política ou judicial. Eram outros tempos — senão em tudo, pelo menos no reino da política e das instituições públicas. Não que reinasse a inocência entre os homens, mas os comportamentos eram mais contidos, pelo medo da desonra, por certo respeito à opinião pública e porque a política ainda não era dominada por pessoas, mas por partidos impessoais.

O que torna o caso Master um

evento tectônico é o que foi, aos poucos, sendo revelado, mesmo que de forma incompleta e fragmentada, por meio de vazamentos que conseguiram romper o alto grau de sigilo imposto ao caso por um ministro do Supremo Tribunal Federal. O Master errou nas boas práticas de gestão financeira, mas foi competente para construir uma rede extensa de conexões com agentes dos três Poderes da República, cujo desvendamento revela conflitos de interesses e comportamentos indefensáveis para autoridades públicas.

Nada do que foi até agora trazido a público consegue ser explicado. Sabemos ainda pouco, por causa do sigilo e do controle das investigações, mas este pouco que

sabemos é suficiente para provocar um terremoto na República, na medida em que atinge a cúpula do Poder Judiciário, parte importante da elite do Congresso e dos partidos e até o governo, que não tem explicações para as indicações dos ex-ministros Mantega e Lewandowski para posições de extravagante remuneração numa empresa cujas práticas atípicas eram — ou deveriam ser — do conhecimento das autoridades. Causa estranheza como pessoas poderosas e experimentadas foram acessíveis a ligações com uma empresa tão fora de qualquer padrão.

Graças à ação da imprensa democrática, as investigações vão se estender e cobrir tudo o que merece ser investigado, abortando as

conspirações para o seu abafamento. Vários segredos de polichinelo vão ser revelados, justamente num ano de eleições, quando os brasileiros merecem saber tudo sobre os seus políticos e o país precisa, dramaticamente, de reformas institucionais de fundo, que só eleições em tempos de crise podem propiciar.

Minha grande angústia é saber, a esta altura, se o Master foi apenas um caso isolado ou se esse tipo de promiscuidade é mais uma regra do que uma exceção no relacionamento do mundo dos negócios com as autoridades. Quem sabe se essas teias de relações ilícitas não são atualmente o modelo padrão de funcionamento da política brasileira e só vieram à

tona neste caso porque a empresa fracassou? Quantos negócios não fracassados e bem geridos continuam turbinados por essas conexões, que garantem privilégios legislativos, judiciais e administrativos? E quantos encontros informais, fora da agenda, com as principais autoridades do país?

O Brasil tem sido um enigma para observadores internacionais que, conhecendo o país e seus enormes e variados recursos, não conseguem entender por que não somos um país muito mais rico, comparável à Espanha e a Portugal, por exemplo. Talvez, o caso Master, ao retirar a grande máscara que cobre as fachadas graciosas dos três Poderes, seja a triste resposta a esse doloroso enigma.